



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 08/07/2022 a 14/07/2022

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
08/07/2022	16,30	478,40	64,07	8,79	7,78
11/07/2022	16,41	482,90	65,21	8,43	7,81
12/07/2022	15,92	478,70	61,41	8,01	7,32
13/07/2022	15,88	491,50	60,21	7,98	7,40
14/07/2022	16,10	497,30	59,80	7,94	6,95
Média	16,12	485,76	62,14	8,23	7,45

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho = 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Panambi	175,00	
RS – Não Me Toque	175,00	
RS – Londrina	173,00	
PR – Cascavel	173,00	
MT – C.N.Parecis	164,00	
MS – Maracaju	170,00	
GO - Rio Verde	159,00	
BA – L.E.Magalhães	163,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	84,00	CIF
Porto de Paranaguá	89,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	80,00	
SC – Rio do Sul	83,00	
PR – Cascavel	76,00	
PR – Londrina	76,00	
MT – C.N.Parecis	66,00	
MS – Maracaju	70,00	
SP – Itapetininga	80,00	
SP – Campinas	82,00	CIF
GO – Rio Verde	68,00	
GO – Jataí	68,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	115,00	
RS – Não Me Toque	115,00	
PR – Londrina	110,00	
PR – Cascavel	112,00	

Período: 13/07/2022

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 14/07/2022**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	81,99	178,54	115,16

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
14/07/2022**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	72,96
Feijão (saco 60 Kg)	229,08
Sorgo (saco 60 Kg)	65,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,49
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,60**
Boi gordo (Kg vivo)*	10,91

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Junho/22 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, ensaiaram uma recuperação nesta semana, porém, a mesma não encontrou sustentação. O anúncio do relatório de oferta e demanda do USDA, no dia 12/07, trouxe algum suporte para as cotações, porém, a informação de que a demanda geral de soja vem recuando, na esteira de uma possível recessão mundial, trouxe para baixo novamente as cotações. Assim, o fechamento desta quinta-feira (14) ficou em US\$ 16,10/bushel, contra US\$ 15,91 uma semana antes, considerando o primeiro mês cotado. Porém, importante se faz destacar que, a partir de agora, o primeiro mês cotado passa a ser agosto. E o fechamento deste mês, neste dia 14/07, ficou em apenas US\$ 14,71/bushel.

O relatório, para a soja, para o ano 2022/23, reduziu as projeções de safra e estoques finais nos EUA. A produção está, agora, projetada em 122,6 milhões de toneladas, com recuo de quase 4 milhões sobre o relatório de junho, enquanto os estoques finais foram reduzidos para 6,3 milhões, perdendo 1,3 milhão em relação ao anunciado em junho. Mesmo assim, o USDA reduziu o preço médio ao produtor estadunidense, neste ano comercial, para US\$ 14,40/bushel. Já em termos mundiais, o relatório apontou uma safra de 391,4 milhões de toneladas, considerando o recuo na produção estadunidense, enquanto os estoques mundiais ficam projetados em 99,6 milhões de toneladas, sendo reduzidos em menos de um milhão de toneladas sobre junho. As produções brasileira e argentina foram mantidas em 149 e 51 milhões de toneladas respectivamente. Enquanto isso, as importações chinesas foram reduzidas em um milhão de toneladas, mais uma vez, ficando em 98 milhões para o novo ano comercial 2022/23.

Dito isso, o USDA informou que, no dia 10/07, as condições das lavouras estadunidenses de soja apontavam uma nova piora. As lavouras entre boas a excelentes recuaram para 62% do total. Todavia, ainda superiores aos 59% do ano passado nesta época. Outros 29% estavam regulares e 9% entre ruins a muito ruins. Cerca de 32% das lavouras estão em fase de florescimento, contra 38% na média histórica para a data.

Quanto aos embarques estadunidenses de soja, na semana encerrada em 07/07, o volume atingiu a 356.716 toneladas, ficando abaixo do esperado pelo mercado. Em todo o ano comercial atual o volume soma 52,2 milhões de toneladas, ainda 10% abaixo do registrado um ano antes.

De forma geral, os números do relatório estadunidense apertaram mais a oferta que poderá vir da nova safra dos EUA. Com isso, qualquer problema climático nas regiões de produção, até o momento da colheita, no final de setembro e durante o mês de outubro, tende a reverter a tendência de baixa em Chicago, a qual vem se consolidando nestas últimas semanas.

O fato é que a volatilidade no mercado em geral das commodities, incluindo a soja, continua muito grande mundo afora. O novo aumento no índice inflacionário dos EUA, com o mesmo ultrapassando os 9% anuais, aumenta a preocupação do mercado quanto a uma possível recessão naquele país, provocada pelo governo, via alta dos juros básicos, para conter a alta dos preços. Além disso, novas variantes da Covid-19 estão surgindo. A China está com constantes lockdowns em suas principais cidades,

freando ainda mais sua recuperação econômica. A tendência de novas altas dos juros dos EUA, leva os especuladores, especialmente os Fundos, a venderem contratos de commodities nas diferentes bolsas e buscarem comprar os títulos públicos do governo estadunidense. Além disso, a continuidade da guerra entre Rússia e Ucrânia, se fez aumentar o preço das mercadorias básicas mundo afora, agora causa inquietação pela sua persistência, o que vem causando pressões recessivas na economia dos países desenvolvidos. Vale destacar, neste contexto, que os preços internacionais do petróleo, depois de um bom tempo, recuaram abaixo dos US\$ 100,00/barril, ajudando a derrubar os preços dos óleos vegetais. Por fim, as importações de soja por parte da China, recuaram 23% em junho, na comparação com o ano anterior, ficando em 8,25 milhões de toneladas. Isso ocorreu porque os preços da soja estavam muito elevados e a demanda está mais fraca no país asiático, com os consumidores buscando outras alternativas. Já em junho as compras chinesas, em 9,67 milhões de toneladas, haviam ficado abaixo do volume de maio. Em relação ao ano passado, a realidade do mercado chinês mudou totalmente, segundo traders lá instalados. Por exemplo: mesmo com a melhoria em suas margens de produção atualmente, os suinocultores chineses enfrentaram grandes perdas durante boa parte do primeiro semestre do ano e vêm reduzindo o número de rebanhos. Além disso, junto as indústrias esmagadoras de soja chinesas, as margens de esmagamento continuam relativamente baixas, e os importadores estão apenas comprando o que precisam, não querendo acumular grandes estoques, já que as margens futuras são negativas. Desde meados de abril passado os esmagadores chineses vêm tendo margens negativas. Neste momento, meados de julho, estariam perdendo US\$ 103,00 para cada tonelada esmagada.

No total, a China importou 46,28 milhões de toneladas de soja nos primeiros seis meses de 2022, uma queda de 5,4% em relação ao período correspondente do ano anterior.

Enquanto isso, no Brasil, devido a um câmbio que elevou o Real para R\$ 5,45 por dólar durante a semana, os preços melhoraram um pouco, mesmo com Chicago pressionando para baixo. A manutenção de prêmios elevados, diante da menor oferta de produto local, também tem ajudado. Com isso, a média gaúcha, no balcão, subiu para R\$ 177,54/saco nesta semana, enquanto as principais praças do Estado trabalharam com R\$ 175,00. Nas demais praças nacionais os preços oscilaram entre R\$ 159,00 e R\$ 173,00/saco.

Neste contexto de preços menores, a comercialização caminha mais lentamente. Para a safra 2021/22, até o dia 08/07, o país havia comercializados 74,3% da mesma, enquanto a média histórica, nesta época do ano, indica vendas que deveriam estar em 77,6% do total colhido, sendo que no ano passado as vendas daquela safra atingiam 79,2% nesta data. Já para a safra futura 2022/23, as vendas antecipadas atingiam 15,7%, contra a média de 19,3%, enquanto no ano anterior as mesmas chegavam a 21,5%. (cf. Safras & Mercado)

Por sua vez, a Abiove informa que as exportações brasileiras de soja, em 2022, deverão ser menores do que o inicialmente previsto, ficando em 76,8 milhões de toneladas, caindo 9,3 milhões sobre o verificado no ano anterior. Já a frustrada safra passada foi ajustada para 125,8 milhões de toneladas, o que significa um volume 9,4% menor do que o recorde de 2021. Quanto ao esmagamento, o país deverá atingir ao recorde de 48,3 milhões de toneladas. Com isso, a produção de farelo de soja, do país,

em 2022, está estimada em 37 milhões de toneladas, com ligeiro aumento sobre 2021. Já a produção de óleo de soja deverá somar 9,8 milhões de toneladas, com crescimento na comparação com 2021, que atingiu a 9,64 milhões, apesar de uma mistura menor de biodiesel, no diesel, no país em 2022. O consumo total interno de óleo de soja deve cair 100 mil toneladas, na comparação anual, para 7,9 milhões de toneladas, com a redução no biodiesel sendo parcialmente compensada pela demanda para outros usos (óleo refinado para alimentação, gorduras destinadas a indústrias químicas). Neste contexto, a exportação de óleo de soja do Brasil foi estimada em 2,15 milhões de toneladas em 2022, ante 2 milhões na previsão anterior e 1,65 milhão em 2021, com o país atendendo uma demanda adicional de países que antes compravam o óleo de girassol ucraniano, entre outros fatores. E a exportação anual de farelo de soja também foi revisada para cima, para 18,5 milhões de toneladas, contra 17,2 milhões em 2021.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, recuaram na semana, especialmente após o anúncio do relatório de oferta e demanda do USDA, no dia 12/07. Com isso, a quinta-feira (14) fechou em US\$ 6,95/bushel, contra US\$ 7,47 na semana anterior, após ter chegado a US\$ 7,81 na véspera do anúncio do relatório. Esta cotação, abaixo do piso dos US\$ 7,00, não acontecia desde o final de fevereiro passado.

O referido relatório apontou, para o milho na safra 2022/23, um aumento de um milhão de toneladas na produção dos EUA, em relação a junho, passando a mesma para 368,4 milhões de toneladas. Já os estoques finais naquele país ficaram projetados em 37,3 milhões, ou seja, quase dois milhões de toneladas acima do indicado em junho. Diante disso, o preço médio aos produtores estadunidenses, para o novo ano comercial indicado, está agora em US\$ 6,65/bushel. Em termos mundiais, a safra global de milho foi mantida em 1,185 bilhão de toneladas, enquanto os estoques finais mundiais ficariam em 312,9 milhões, com aumento de 2,5 milhões de toneladas sobre junho. A futura produção brasileira chegaria a 126 milhões de toneladas (o mercado brasileiro coloca a produção entre 110 e 119 milhões) e a da Argentina em 55 milhões de toneladas. O USDA projeta que o Brasil exportará 47 milhões de toneladas do cereal neste novo ano comercial.

Dito isso, os EUA embarcaram 933.725 toneladas, ficando o volume dentro das expectativas do mercado. Com esse volume, o país já embarcou 49,2 milhões de toneladas no atual ano comercial, ou seja, 17% menos do que no mesmo período do ao anterior.

Quanto à qualidade das lavouras estadunidenses, até o dia 10/07 as mesmas estavam com 64% entre boas a excelentes, 26% regulares e 10% entre ruins a muito ruins. Por outro lado, 15% das lavouras estavam em fase de embonecamento.

E no Brasil, os preços voltaram a ceder. A média gaúcha, no balcão, veio a R\$ 81,99/saco, enquanto nas demais praças nacionais os preços oscilaram entre R\$ 66,00 e R\$ 83,00/saco. Na B3, a abertura do pregão da quinta-feira (14) indicava o contrato julho em R\$ 82,61/saco; setembro em R\$ 85,86; novembro em R\$ 87,77; e janeiro em R\$ 89,30/saco.

O avanço da colheita da segunda safra vem derrubando os preços. Especialmente porque se desenha uma safrinha recorde, mesmo com as perdas climáticas pontuais que ocorreram. A situação indica que, em algumas praças nacionais, os atuais preços são os mais baixos desde o início de 2021. Aqui no Rio Grande do Sul, se está quase lá, pois na segunda semana de fevereiro do ano passado o saco de milho registrou a média de R\$ 79,30, enquanto o atual preço já está mais baixo do que o registrado na mesma época do ano passado, quando atingiu a R\$ 84,47/saco em meados de julho/21.

Afora isso, a colheita da safrinha, no Centro-Sul brasileiro, vem avançando bem, tendo chegado a 40,5% da área até o dia 08/07, contra 58,7% na média histórica. (cf. AgRural) O atraso se deve ao plantio mais lento devido a problemas climáticos em diferentes regiões produtoras do país. A produção da safrinha está prevista em 83,6 milhões de toneladas, sendo que, até o momento, 43% da mesma já estaria comercializado. (cf. Datagro)

Especificamente no Mato Grosso, 63,6% da produção de milho safrinha havia sido negociada até o mês de junho. Há certa lentidão na comercialização local, pois os produtores esperam terminar a colheita para decidir o restante das vendas, já que houve perdas climáticas. Além disso, tem-se recuo nos preços médios, com junho registrando R\$ 65,75/saco, com queda de 5,6% sobre maio. (cf. Imea)

Enquanto isso, no Paraná, segundo o Deral, 20% das lavouras de milho safrinha já estavam colhidas no início da presente semana, com 75% do restante em fase de maturação e 72% apresentavam boas condições, com apenas 7% ruins.

No Mato Grosso do Sul, conforme a Famasul (Federação da Agricultura e Pecuária do Mato Grosso do Sul), 9% das lavouras estavam colhidas até o dia 08/07, ficando um pouco abaixo dos 10,5%, que é a média histórica no Estado para esta data. Cerca de 80% das lavouras estavam em boas condições na data indicada. Em termos de preço, a média de junho ficou em R\$ 69,17/saco naquele Estado, ou seja, 19% abaixo do preço médio registrado um ano antes. 26% da nova safrinha está comercializado no Mato Grosso do Sul, com essa percentagem pouco se alterando nas últimas semanas.

Já em Goiás, a produção da segunda safra de milho deve atingir a 8,3 milhões de toneladas em 2021/22. Este volume representa um aumento de 22,8% sobre o ano anterior. A área plantada cresceu para 1,74 milhão de hectares, representando aumento de 5%. Ao mesmo tempo, também houve incremento da produtividade, de 17% sobre o ano anterior, com a mesma atingindo a 4.795 quilos por hectare na atual safra. O resultado deve contribuir para que a safra total de milho em Goiás alcance 10,2 milhões de toneladas, o que representa aumento de 20,7% em relação à safra anterior. Com este volume, Goiás deve ocupar o quarto lugar no ranking nacional de produtores de milho.

Pelo lado do comércio externo brasileiro, nos primeiros seis dias úteis de julho, o país exportou 953.345 toneladas de milho, o que representa 47,9% do total exportado em todo o mês de julho do ano passado. De janeiro a junho do corrente ano o Brasil exportou 6,4 milhões de toneladas de milho. (cf. Secex) Para julho, o total a ser exportado está sendo estimado em 5,38 milhões de toneladas, segundo a Anec. Esta

Associação estima que, em todo o atual ano comercial, o Brasil exporte 43 milhões de toneladas de milho. O preço atual de exportação está em US\$ 300,10/tonelada, sendo 48,4% superior ao registrado um ano antes.

Já pelo lado das importações de milho, o país comprou no exterior 63.395 toneladas nos primeiros seis dias úteis de julho. Com isso, adquiriu 43,9% de todo o milho importado em julho de 2021. O preço médio pago recuou 13,7%, em relação ao ano passado, ficando em US\$ 222,70/tonelada.

Enfim, segundo a Abramilho, o Brasil pode começar a exportar milho para a China antes do final do ano. Em maio, a autoridade alfandegária da China finalizou um acordo para permitir a importação de milho brasileiro, preparando uma alternativa ao milho dos EUA, para substituir as importações da Ucrânia. Mas os embarques não começaram, pois estão em curso negociações para que a China aprove certos tipos de milho transgênico que os agricultores brasileiros já plantam com autorização da comissão brasileira de biossegurança CTNBio.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, continuaram pressionadas para baixo, com o fechamento desta quinta-feira (14) ficando em US\$ 7,94/bushel, contra US\$ 8,24 uma semana antes.

O relatório de oferta e demanda, divulgado no dia 12/07 pelo USDA, indicou, para a safra 2022/23 de trigo, nos EUA, uma produção de 48,5 milhões de toneladas, com aumento de 1,3 milhão de toneladas sobre o indicado em junho. Já os estoques finais estadunidenses ficariam em 17,4 milhões de toneladas, ou seja, levemente superiores ao indicado em junho. Com isso, o preço médio para o produtor de trigo dos EUA, no ano comercial em questão, ficaria em US\$ 10,50/bushel. Por sua vez, a produção mundial de trigo foi revista para 771,6 milhões de toneladas, em recuo de quase dois milhões de toneladas sobre o indicado em junho. Os estoques finais mundiais, por outro lado, ficariam em 267,5 milhões de toneladas, aumentando em quase um milhão de toneladas os números de junho. A produção argentina foi reduzida para 19,5 milhões de toneladas, enquanto as exportações do cereal, pelo vizinho país, ficariam em 13,5 milhões. Já a produção brasileira de trigo está indicada em 8,5 milhões, com importações em 6,4 milhões de toneladas.

Dito isso, nos EUA, até o dia 10/07, o trigo de inverno estava com 63% de suas lavouras colhidas, contra 61% na média histórica. Enquanto isso, o trigo de primavera apresentava 70% das lavouras entre boas a excelentes condições.

Também nos EUA, as vendas líquidas semanais de trigo, da safra 2022/23, na semana encerrada em 30/06, atingiram a 286.400 toneladas, em números revistos. A estimativa total do USDA é de exportações ao redor de 21 milhões de toneladas neste novo ano comercial. Já na semana encerrada em 07/07, o volume exportado ficou em 309.802 toneladas, ficando dentro das expectativas do mercado. Com isso, até a data indicada, os EUA haviam embarcado 1,92 milhão de toneladas do cereal, ou seja, 18% a menos do que no mesmo período do ano anterior.

Na França, os produtores locais já colheram 30% de sua nova safra de trigo macio, até meados de julho. No início de julho estimava-se que 63% das lavouras deste tipo de trigo estavam em boas ou excelentes condições. Já a colheita de trigo duro chega ao redor de 70%. Este maior produtor de trigo da União Europeia deverá ter uma safra 7% menor neste ano, depois de forte calor e pouca umidade em alguns momentos da primavera/verão. O Ministério da Agricultura local estima uma produção de 32,9 milhões de toneladas de trigo macio, a partir de um rendimento médio esperado de 6.990 quilos/hectare sobre uma área cultivada de 4,71 milhões de hectares.

Mesmo assim, as exportações francesas de trigo macio, para países de fora da União Europeia, devem alcançar 10,3 milhões de toneladas, ou seja, 17% acima do que foi exportado no ano anterior. Boa parte deste aumento se deve as dificuldades de exportação da Ucrânia, após o início da guerra contra a Rússia.

Por outro lado, na Rússia a colheita deve ser cheia, com o país devendo aumentar suas exportações neste ano, mesmo em plena guerra. Todavia, para julho, as vendas externas russas ainda serão baixas. Segundo a consultoria agrícola local IKAR, o volume deverá ficar entre 1,7 e 2 milhões de toneladas, recuando 300.000 toneladas em relação as previsões anteriores. Já a consultoria Sovecon mantém a projeção de 2,3 milhões de toneladas exportadas em julho, esperando que o volume aumente para 4 milhões em agosto. Assim, considerando o ano comercial julho/22 a junho/23, espera-se um total exportado de 42,6 milhões de toneladas de trigo por parte da Rússia. Neste momento, os preços do cereal russo estão em recuo.

Em paralelo, a colheita de trigo na Argentina, para o ano 2022/23, está esperada em 17,7 milhões de toneladas. Bem abaixo do previsto pelo USDA e abaixo das 18,5 milhões de toneladas estimadas anteriormente. (cf. Bolsa de Rosário) Esse recuo se deve a uma menor área semeada, a qual deverá ficar em 5,9 milhões de hectares, contra 6,2 milhões projetados em junho. Em maio, a projeção de área argentina de trigo era de 6,6 milhões de hectares.

Enfim, autoridades da Rússia, Ucrânia, Turquia e das Nações Unidas teriam concordado com os principais pontos de um plano para a retomada das exportações de grãos ucranianos pelo Mar Negro. A ideia é estabelecer um centro de coordenação em Istambul (importante cidade turca), onde representantes dos três países e da ONU supervisionariam os embarques de grãos. O entendimento é o primeiro avanço concreto após semanas de diplomacia liderada pela ONU e pela Turquia com o objetivo de aliviar uma crise alimentar global desencadeada pela invasão russa à Ucrânia. Com o conflito, milhões de toneladas de grãos ficaram retidas no país, resultando em menor oferta e preços mais altos nos mercados internacionais. Afinal, mais de 95% dos grãos da Ucrânia costumavam ser exportados pelo Mar Negro. Com essa rota bloqueada, o país está exportando menos de um terço do volume normal, através de suas fronteiras com a União Europeia e por meio de barcaças no Danúbio, que descarregam em navios no porto romeno de Constanta. O acordo prevê que os grãos ucranianos poderão ser enviados de três portos da Ucrânia sob escolta de navios do país, com um cessar-fogo para proteger os navios. A marinha turca inspecionaria os navios vazios, que chegassem aos portos ucranianos, por causa do receio da Rússia de que as embarcações sejam usadas para transportar armas ocidentais para as forças de Kiev. A ONU estabelecerá um centro de comando e controle em Istambul para monitorar os níveis de ameaça aos embarques. Assim, se tudo isso se concretizar na prática, logo

adiante os preços dos grãos, especialmente trigo e milho, poderão recuar ainda mais no mercado mundial. (cf. Broadcast)

E no Brasil, os preços do trigo se mantiveram estáveis, porém, ainda com viés de alta em algumas regiões. A média gaúcha, no balcão, atingiu a R\$ 115,16/saco, enquanto no Paraná houve recuo para níveis entre R\$ 110,00 e R\$ 112,00/saco.

Em termos de plantio da nova safra, enquanto o mesmo está praticamente encerrado no Paraná, no Rio Grande do Sul o mesmo atingia, na semana anterior, a 80% da área prevista. Mesmo assim, a atividade está atrasada neste Estado, pois a média histórica é de 90% semeado nesta data.

Já em São Paulo, estima-se, agora, uma safra final de trigo em 300.000 toneladas, devido a problemas climáticos, embora haja condições remotas para chegar as 400.000 toneladas considerando os cerealistas independentes no Estado. (cf. Câmara Setorial do Trigo do Estado de São Paulo)

Enfim, a Conab reajustou para cima suas estimativas em relação ao trigo. Espera-se uma colheita total no Brasil de 9,03 milhões de toneladas, com alta de 17,6% sobre o ano anterior, sobre uma área que cresceu 6,6%, chegando a 2,92 milhões de hectares. Com isso, a entidade projeta uma produtividade média final em 3.092 quilos/hectare, com um crescimento de 10,3% sobre o ano anterior.